Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

ANTONIO CALLADO E A TESSITURA DO TEMPO
Andamento romanesco e ritmo em Quarup (1967)

ANTONIO CALLADO AND THE WEAVING OF TIME
Novel's narrative flow and rhythm in Quarup (1967)

GLENER CRUZ OCHIUSSI[1]

RESUMO

Neste artigo, analisamos Quarup (1967), romance de Antonio Callado (1917-1997). Em 2027, esse livro completará sessenta anos de publicação, mantendo-se vivo no ideário dos leitores e suscitando, ainda hoje, debates e ensaios. Em termos metodológicos, recorremos às aproximações entre história e ficção – da historiografia à teoria literária. Face a esse ferramental teórico, questiona-se: i. em Quarup, qual é a possível ligação entre o andamento romanesco e o ritmo? ii. essa ficção tem o que oferecer aos historiadores? A hipótese é a de que, nessa obra, o autor modula o andamento romanesco em consonância com o ritmo histórico a ser artisticamente representado. Na conclusão, argumentamos que a forma como Callado narra o tempo em Quarup pode servir como inspiração à tessitura do texto histórico.

Palavras-chave: Andamento romanesco. Antonio Callado. *Quarup*. Ritmo. Tempo.

ABSTRACT

In this article, we analyze Quarup (1967), a novel by Antonio Callado (1917–1997). In 2027, the book will mark the sixtieth anniversary of its publication, remaining alive in readers' minds and continuing to inspire debates and essays to this day. Methodologically, we draw on the connections between history and fiction – from historiography to literary theory. Considering this theoretical framework, we ask: i. in Quarup, what is the possible link between the novel's narrative flow and its rhythm? ii. does this work of fiction have anything to offer historians? The hypothesis is that, in this work, the author modulates the narrative pace in harmony with the historical rhythm to be artistically represented. In conclusion, we argue that the way Callado narrates time in Quarup can serve as inspiration for the weaving of the historical text.

Keywords: Novel's narrative flow. Antonio Callado. Quarup. Rhythm. Time.

[1] Doutor em História Social pela FFLCH-USP. Pesquisa as intersecções entre ficção e história na produção romanesca de Antonio Callado. Participa dos grupos de estudos "história e literatura" (FFLCH-USP) e "literatura e ditaduras" (PUC-SP). Realiza estágio pós-doutoral na FFLCH-USP. E-mail: glenerochiussi@gmail.com

INTRODUÇÃO

"Bienvenidos a nuestra dictadura", essa era a frase de uma das faixas empunhadas por oito intelectuais, entre eles, Antonio Callado (1917-1997), na porta do Hotel Glória, na abertura da conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), no Rio de Janeiro, em fins de 1965 (Callado, 2013, p. 235). Depois da passagem da comitiva de Castelo Branco, ditador empossado após o golpe civil-militar, os manifestantes são encarcerados e, na prisão, ficam incomunicáveis por semanas, em um episódio que entrou para a história como os "Oito do Glória". Em editorial, o periódico *Leitura* é taxativo: "a liberdade não está assegurada" no Brasil (Mello, 1965). Ligado a grandes veículos de comunicação, a essa altura Callado já havia publicado reportagens de denúncia social e de jornalismo político: *Os industriais da seca e os Galileus de Pernambuco* em 1959, pelo *Correio da Manhã*, e *Tempo de Arraes* em 1964, pelo *Jornal do Brasil*, respectivamente.

Entre 1966 e 1967, com Otto Maria Carpeaux, seu amigo, Callado participou do preparo logístico para a Guerrilha do Caparaó, sobretudo, repassando papéis (Kushnir, 2002). Carpeaux, inclusive, escreveu um texto para ser lido pelos militantes armados no início da guerrilha. Intitulado "A lição de Canudos, sempre atual", o documento exalta Antonio Conselheiro, o líder de Canudos, como o precursor da tática de guerrilhas no Brasil. Para Carpeaux, "Canudos foi a semente da China Brasileira, da Argélia Brasileira, do Vietcongue Brasileiro" (Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997). Inspirada no cubanismo de Ernesto "Che" Guevara e Fidel Castro, no foquismo de Régis Debray e na revolução socialista de Mao Tsé-Tung, a Guerrilha do Caparaó foi rapidamente desmantelada. Os ideais do romantismo revolucionário, porém, ainda motivariam os intelectuais de esquerda por mais alguns anos.

Na segunda metade da década de 1960, o romantismo revolucionário da classe média intelectual urbana combatia a "modernidade capitalista" e a truculência militar (Ridenti, 2014, p. 35). Guiados também pela utopia – maio de 1968 na França, independências afro-asiáticas e contracultura –, os românticos revolucionários queriam a alteração completa da sociedade: se necessário, até, pela via armada. Para esses pensadores, como Antonio Callado, a revolução

ocorreria por meio da ação do “homem novo”, um indivíduo próximo dos camponeses e dos operários, que conheceu as raízes da nação e que, por isso, intervém historicamente. Segundo Marcelo Ridenti (2014), as propostas do romantismo revolucionário incluíam o enfrentamento “ao dinheiro, à indústria cultural e à fetichização impostas pela sociedade de consumo”.

Lançado em 1967 pela editora Civilização Brasileira, *Quarup* foi bem recebido pelos intelectuais de esquerda. Desde então, Callado passou a ser um dos principais nomes da “resistência cultural” à Ditadura Militar, assinando manifestos e visitando presos políticos (Napolitano, 2017). Esse volume o credenciou como um escritor engajado (Sartre, 2014). Junto do romance *Pessach*, de Carlos Heitor Cony, e do filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, ambos de 1967, *Quarup* marcou época. Alguns leitores referiam-se à sua geração como a “geração *Quarup*”. Para Ettore Finazzi-Agrò (2014), certos romances do momento da Ditadura Militar conseguem “nos entregar aquela verdade nefanda e *inter-dita* que o relato ou a crônica dos acontecimentos não podem e, talvez, não devem dizer”. Opinião diferente sobre *Quarup* teve o ministério do Exército, que em despacho o classificou como “insidioso instrumento de ataque e desmoralização do regime vigente” e “uma afronta aos princípios morais e à família brasileira” (Ministério do Exército, 1975). Apesar disso, o livro nunca foi censurado.

Neste artigo, analisaremos *Quarup* (1967), terceiro romance de Antonio Callado. Em 2027, esse livro completa sessenta anos de publicação, mantendo-se vivo no ideário dos leitores e suscitando, ainda hoje, debates, ensaios e escritos científicos. Em termos metodológicos, recorreremos às aproximações entre história e ficção. Conforme Júlio Pimentel Pinto (2024), o historiador jamais deve negligenciar a “dimensão estética da ficção”, precisando se ater aos “elementos discretos ou associados ao trabalho em si de construção de textos”. A partir disso, pergunta-se: i. em *Quarup,* qual é a possível ligação entre o andamento romanesco e o ritmo? ii. essa ficção tem o que oferecer aos historiadores? No fim, na esteira de Étienne Anheim e Antoine Lilti (2010), pretendemos “montrer comment la litterature permet de penser l'historicite de

l'expérience humaine dans son rapport au temps"[2].

Para Roberto Schwarz (1978), *Quarup* é "o romance [anterior ao AI-5] ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda". Seu enredo baseia-se na jornada de Nando, um padre de educação conservadora que, ao voltar de uma viagem para o Alto Xingu, passa a militar por justiça social, num processo de "deseducação" (Gullar, 1967). No desfecho, o protagonista adere, no sertão, à preparação para a guerrilha rural. A obra é contada em terceira pessoa, por um narrador onisciente. *Quarup* cobre um arco temporal que vai do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, ao golpe civil-militar, em 1964. O enredo é linear, cronológico. Do Recife passando pelo Rio de Janeiro até o Centro-Oeste do Brasil e, depois, de volta, do interior ao litoral, a trajetória de Nando, o herói de *Quarup*, pode ser dividida em duas etapas. Na primeira delas, Nando experiencia as agruras sociais que castigam os brasileiros. Na parte subsequente, o protagonista retorna para o Recife, presencia o golpe civil-militar e se decide pela violência armada[3].

Já Callado regressa do Vietnã do Norte, em 1968, onde cobriu a guerra a partir da ótica dos soldados de Hanói. Para a esquerda intelectual, esse era um conflito anti-imperialista. A série de reportagens *Vietnã do Norte: uma advertência aos agressores* saiu no *Jornal do Brasil*. No Rio de Janeiro, Callado ajudou a criar, com Ênio Silveira e Roland Corbisier, na Faculdade Cândido Mendes, o Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento (IBPD). Nas palavras de Callado, o objetivo da entidade era "promover cursos e conferências sobre assuntos de cultura geral e de problemas brasileiros" (Conselho de Segurança Nacional, 1969). Núcleo de movimentos estudantis, nos meses que antecederam o Ato Institucional número 5 (AI-5), a Faculdade Cândido Mendes trouxe ao Brasil os professores Edgar Morin, da Sorbonne, e Karl Deutsch, de Harvard.

Então, em um cenário de efervescência social, Callado participa da "Passeata dos Cem Mil" e assiste, atônito, à decretação do AI-5. Logo, ele é preso e tem seus direitos políticos e profissionais cassados[4]. A justificativa da

[2] Tradução livre do autor: "mostrar como a literatura permite pensar a historicidade da experiência humana na sua relação com o tempo" (Anheim; Lilti, 2010, p. 257).
[3] Golpe orquestrado, entre outros atores políticos, por empresários nacionais e estrangeiros via financiamento ao complexo IPES/IBAD. Para mais, ver: Dreifuss, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Tradução Else Ribeiro Pires de Freitas. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
[4] Mais tarde, apenas seus direitos profissionais serão restituídos pela justiça.

repressão foi a de que ele havia escrito no *Jornal do Brasil* dois artigos – "A merenda dos generais" e o "Exército de Mendigos" – que supostamente "feriam a honra das Forças Armadas". Na Vila Militar de Realengo, inquirido sobre sua posição política, Callado responde que "acredita no socialismo e que o regime socialista pode funcionar com as franquias democráticas" (Conselho de Segurança Nacional, 1969). Por sorte, ele escapa da tortura física. Sua coragem ante o interrogador, porém, é evidente. Ao termo, o relator conclui: "Callado se mantém confiante na certeza de que nada lhe acontecerá. Diz calma e agressivamente que o Exército Brasileiro deve ser dissolvido, que estamos numa ditadura e que [Miguel] Arraes é que foi um grande Governante" (Conselho de Segurança Nacional, 1969)[5].

1. ANDAMENTO ROMANESCO

De início, o herói de *Quarup* é um padre, formado, paradoxalmente, conforme os princípios do Concílio de Trento, reunião do período quinhentista. Nando é fruto de uma Igreja que se quer autossuficiente e ignora a questão social. O protagonista é um admirador dos Sete Povos das Missões: para ele, "uma República teocrática e comunista" (Callado, 2021, p. 25). Com base nesse modelo, ele pretende fundar uma prelazia na região do Alto Xingu, um projeto deslocado no tempo e, sobretudo, autocongratulatório. De maneira caricata, Nando afirma: "Eu considero a ida ao centro do Brasil, onde vivem os índios em estado selvagem, muito mais importante do que conhecer o Rio ou São Paulo" (Callado, 2021, p. 24). Além disso, o herói é um leitor de autores romanos como Plínio, o Moço, e Suetônio, e de hagiografias sobre Teresa d'Ávila. Na ficção, sua dileção é por Dante Alighieri e *A divina comédia*.

Em *Quarup*, a personagem Beatriz, de Dante, é comparada a Francisca, a paixão do protagonista. Ao parafrasear o autor florentino, Nando conjectura: "Pontes não atraiçoam as margens em que se apoiam e Francisca era o carreiro de estrelas entre mundos" (Callado, 2021, p. 18). Noiva de Levindo, um militante trotskista disposto a fazer a revolução, na fase inicial do romance o amor entre

[5] Não sabemos o que o coronel Agrício Pimentel, autor do documento, quis dizer com "calma e agressivamente".

o herói e Francisca fica interditado. Nessa altura, além do relacionamento com Levindo, o que afasta Francisca do protagonista é o medo que ele tem da nudez feminina e do que ela pode despertar em seu corpo. Inclusive, é esse mesmo medo que o faz protelar sua ida para o Xingu. Receoso do desejo, o herói penitencia-se com uma "cueca de cilício" e confessa a um interlocutor: "Fica explicado que eu defenda minhas ideias e projetos com ardor tão extravagante, e que nada realize, nada faça de concreto (Callado, 2021, p. 81-82).

Nando vive em um mosteiro, nos arredores do Recife e, de lá, após a insistência de Leslie, um jornalista inglês que está no Nordeste a trabalho, desloca-se para conhecer o cotidiano camponês no engenho Nossa Senhora do O, na zona da mata pernambucana. No engenho, Nando é apresentado a Nequinho, um camponês superexplorado, à sua esposa, seus filhos e filha. É que o dr. Beltrão, proprietário do Nossa Senhora do O, cobra dos lavradores o cambão, a troca de dias de trabalho não remunerado pelo direito de plantar roças de subsistência, numa prática que lembra a escravização colonial. No livro-reportagem *Os industriais da seca,* de 1959, que serve de estudo para *Quarup*, Callado escreve: "O cambão, ainda em pleno vigor no Nordeste, é uma sobra direta dos dias da escravidão" (Callado, 1960, p. 41-42). Em *Quarup*, especificamente, Callado joga com os tempos e usa uma anacronia – a associação entre o cambão e a escravização colonial – para caracterizar as mazelas sociais que teimam em castigar os trabalhadores rurais pernambucanos ainda na segunda metade do século XX[6]. Por certo, o cambão e a escravização colonial são fenômenos históricos diferentes, inseridos em "contextos cognitivos" distintos (Pinto, 2024, p. 31). Entre um e outro, porém, há paralelos que indicam o continuísmo temporal. Com variações, o cambão carrega consigo sobras, resquícios do que foi, outrora, a escravização colonial[7].

O cambão, porém, só explica em parte o sofrimento camponês no Nossa Senhora do O. Na fazenda, Maria do Egito, filha de Nequinho, é cruelmente estuprada por Belmiro, o "braço direito" do coronel Beltrão (Callado, 2021, p. 43).

[6] Os debates sobre o anacronismo na história são amplos. Para uma introdução, ver: Gonçalves, Bruno. Os sentidos do anacronismo. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 285–314, 2022.

[7] Para Berber Bevernage (2021), como "as delimitações temporais do contemporâneo são sempre contestáveis, sempre pode-se correr o risco de perder de vista importantes continuidades históricas e declarar a passeidade do passado prematuramente".

Nequinho, a despeito de denunciar o estupro à polícia, de modo contraditório, responsabiliza também a filha pela violência sexual sofrida. Nequinho acredita dialogar diretamente com uma entidade superior e ameaça assassinar Belmiro, mas também Maria do Egito, caso a filha engravide – nas palavras do camponês, "Jesus Cristo já me falou. Já me esclareceu para corrigir os malfeitos" (Callado, 2021, p. 42). Com "negro cabelo espichado de índia", segundo Nando, Maria do Egito tem "uns dezesseis anos" (Callado, 2021, p. 44). Em *Quarup*, em escalas diferentes, o abuso de Maria do Egito é múltiplo, perpetrado tanto pelo capataz Belmiro quanto por quem deveria protegê-la, mas a ameaça, isto é, seu próprio pai.

Esses abusos são inscritos no corpo de Maria do Egito, simbolizados pelo sangue no vestido após o estupro e pela mudez da adolescente diante da ira do pai. Quem rompe esse circuito de violência é Winifred, uma personagem exógena aos principais espaços do enredo. Constituída por um capital cultural díspar, Winifred, companheira de Leslie, é uma inglesa independente que se posiciona contra a misoginia e a perversidade dos homens brasileiros. No desenrolar do texto, é ela quem contrata um médico para realizar um aborto em Maria. Winifred, portanto, é a única a enxergar Maria do Egito como um sujeito de direitos. Enquanto isso, Nando perde-se em digressões que, no caso de *Quarup*, são alongamentos introspectivos que distanciam o herói da ação anteriormente narrada.

Rumo à casa de Winifred, ao ser informado sobre o aborto, por meio do monólogo interior, o protagonista indaga: "Senhor, por que dais tanta coragem a uma mulher [a Winifred] e me tendes aqui trêmulo?" (Callado, 2021, p. 67). Ato contínuo, lê-se "Nando via ambulância chegando, Maria do Egito agonizante, ele a dar-lhe a extrema unção, Nequinho na polícia, o caso nos jornais [...]. Pela primeira vez se aproximava da casa de Leslie e Winifred com horror" e "Ainda mais esses nórdicos para quem tudo era ação, fazer, fazer, fazer?" (Callado, 2021, p. 68). Paralisado pela situação, o herói busca refúgio em seus próprios pensamentos. Desse modo, ao priorizar o tempo psicológico de Nando, em detrimento da ação, o andamento da narrativa mostra-se lento. Em *O tempo e o romance*, Adam Abraham Mendilow (1972) pontua que se a "ação física é subordinada à atividade emocional ou mental", a "velocidade do romance" é

retardada. Nessas circunstâncias, “abundam descrições de estados mentais” e “o vagaroso tatear em busca da ação predomina sobre a ação decisiva em si mesma” (Mendilow, 1972, p. 142).

Subsidiário do tempo ficcional, o andamento romanesco relaciona-se com “a evolução interna da narrativa” (Genette, 1980, p. 92). Ao buscar paralelo na música clássica, Benedito Nunes (1995) relaciona o andamento à “variação de velocidade caracterizando os movimentos de uma peça musical”, sendo o *allegro* o movimento mais “animado” e o *adagio,* o movimento mais “lento”. No romance, nessa ordem, do rápido para o lento, iríamos, de acordo com Gérard Genette (1980), da “elipse” pura e simples à “pausa descritiva”[8]. Mendilow, no que lhe concerne, adiciona outro elemento à conceituação de andamento, a saber: o leitor. Para ele, o “andamento depende do grau em que a atenção do leitor é jogada para diante”, chegando com celeridade ou morosidade ao clímax (Mendilow, 1972, p. 138). Ainda segundo Mendilow (1972), o andamento pode ser usado “para refletir as variações em valor do tempo vivido do personagem, as quais o leitor sensível está apto a aplicar a si mesmo através da transferência por imaginação”.

No desfecho do episódio, em decorrência de complicações no aborto, Maria do Egito começa a perder sangue. Sem hesitar, o médico foge, deixando-a desassistida. Winifred e Francisca cuidam da adolescente, velam por ela, e, assim, a hemorragia cessa. Conforme o narrador, “Maria do Egito estava ainda no quarto, mas sentada numa cadeira de braços. Sentada com leveza, as mãos sem sangue apenas tocando o forro, quase pedindo desculpas” (Callado, 2021, p. 72). Impedida de retornar à família pelo pai, a camponesa prostitui-se em uma casa de mulheres, ao contrário do que ocorreu com Maria Egipcíaca – inspiração para o nome da personagem em *Quarup* – que, após anos de prostituição, torna-se asceta. Nequinho, por seu turno, é demitido do Nossa Senhora do O e o capataz Belmiro, antes afastado pelo dr. Beltrão, volta à fazenda.

Em seguida, depois de uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, num avião do Correio Aéreo Nacional, Nando viaja para o Centro-Oeste do Brasil. Do

[8] Para Ligia Chiappini Moraes Leite (2006), as elipses são “os silêncios da narração, [...] as indeterminações, os brancos, o que a narrativa omite, a começar por tudo aquilo que ela faz supor ter acontecido antes de ela se iniciar”.

alto, o herói idealiza uma Floresta Amazônica idílica, “impenetrável, como uma couve-flor monumental” (Callado, 2021, p. 147). Seus habitantes, os povos originários, são igualmente idealizados por ele, que imagina os “primeiros curumins correndo ao seu encontro, atirando-se aos seus braços”, com um “cheirinho de terra, de água do rio, de jenipapo e de urucum” (Callado, 2021, p. 147). De forma paralela, a natureza idílica foi um *tópos* recorrente à época das Grandes Navegações, com a ocupação europeia da América. Para Sérgio Buarque de Holanda, ainda na Idade Média, os ibéricos já comentavam sobre um “Paraíso Terreal”, “incorpóreo, perdido no começo dos tempos” (Holanda, 2000).

O herói desembarca no Posto Capitão Vasconcelos, que está quieto. De repente, dois indígenas saem de uma maloca, um homem e uma mulher, nus. O narrador ressalta: “Nando, que estacara, viu então que a mulher tinha na mão direita uma maçã, que oferecia ao companheiro. O índio fez que não com a cabeça. Ela mordeu a maçã” (Callado, 2021, p. 149). Diante de um protagonista perplexo, dezenas de indígenas se revelam. Riem alto, foi somente um teatro, uma pequena encenação. Zombam da inocência de Nando, que ainda acredita nos “modelos edênicos provindos largamente de esquemas literários”: “a idade feliz, posta no começo dos tempos, quando um solo generoso, sob constante primavera, dava de si espontaneamente os mais saborosos frutos” (Holanda, 2000, p. 227). Nesse trecho do romance, Callado exagera no enredamento dos tempos para reforçar uma ideia que lhe era cara, qual seja, a de que, em geral, o brasileiro pouco conhece o interior do Brasil (Leite; Zilio, 1982, p. 235).

As idealizações de Nando, porém, logo seriam abaladas. Primeiro, devido à doença que acomete Aicá, um indígena que vive nas proximidades do posto. O fogo-selvagem deforma o corpo do enfermo e o protagonista questiona: “Ah, Senhor, e a era dos milagres rudes? Como entender no paraíso refeito o fogo-selvagem? Por que tanta fúria contra Aicá? (Callado, 2021, p. 171). Depois, ao presenciar a destruição de comunidades inteiras para a construção da estrada da Colônia – a futura Transbrasiliana. Quem narra é Nando: “Só mesmo chorando de desalento e vergonha diante das prelazias depois de vista a estrada: as meninas de soturno vestido comprido, [...] os curumins de calção e camisa de meia, transferidos do Éden para um subúrbio” (Callado, 2021, p. 254).

Para Nando, a doença e a estrada são símbolos de desencantamento. Aos poucos, o herói abandona o projeto da prelazia, deixa o sacerdócio e se torna uma espécie de faz-tudo no Posto Capitão Vasconcelos. Nando está mais velho, com a "cabeleira crescida e alastrada de fios brancos" (Callado, 2021, p. 265).

Nesse momento, o protagonista organiza, com Fontoura, um sertanista verdadeiramente preocupado com os povos originários, uma expedição rumo ao centro geográfico do Brasil. Financiada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o objetivo da incursão é abrir um campo de pouso bem no meio da nação. A simbologia dessa expedição, entre outras? Conquistar o coração do "Brasil profundo", o mesmo "Brasil profundo" versado pelo romantismo revolucionário (Ridenti, 2014). De maneira abrupta, Francisca pousa no Alto Xingu para participar da expedição. Viúva de Levindo, morto na invasão de um engenho, ela irá documentar a viagem para o Museu Nacional. Na trama, o reaparecimento de Francisca, com seus cabelos loiros e "olhos verdes" faiscantes, arrebata Nando (Callado, 2021, p. 20).

Logo, a expedição adentra a floresta e, a partir dessa passagem, as referências de tempo social começam a escassear. Nessa etapa do livro, predominam os índices naturais de tempo, como a luz do sol entre as árvores. Enquanto isso, a mente do herói é aprisionada por um só pensamento: "Ainda mais cheio de amor por Francisca Nando sentia no entanto uma certa irritação e se dizia a si mesmo que se Beatriz, pétala que era da rosa mística, se houvesse dela desprendido para volver ao mundo com Dante, teria causado ao poeta sérios transtornos" (Callado, 2021, p. 272). Em italiano arcaico, o protagonista lembra excertos de *A divina comédia* e usa neologismos para descrever suas sensações: "Uma mente paraisada, isto é, em estado permanente de emparaisamento é também uma mente paralisada para tudo que não seja aquilo que é a única coisa importante" (Callado, 2021, p. 272).

Nesses parágrafos introspectivos, em meio à expedição, Callado mobiliza o que Umberto Eco (1985) chama de "movimento de pedal", para flexionar o tempo ficcional e produzir um efeito de frenagem da ação narrativa, tornando o andamento romanesco mais vagaroso[9]. Em *Pós-escrito a o nome da rosa,* Eco

[9] De acordo com Umberto Eco (1985), "Um grande romance é aquele em que o autor sempre sabe em que momento deve acelerar, frear e de que maneira dosar esses movimentos de pedal

(1985) conjectura: “Entrar num romance é como fazer uma excursão à montanha: é preciso aprender a respirar, regular o passo, do contrário desiste-se logo”. Assim, faz-se necessário “dosar esses movimentos de pedal”, seja para o tempo psicológico, seja para o tempo cronológico (Eco, 1985, p. 37). Como na vereda das orquídeas, quando da primeira vez em que Nando e Francisca fazem amor. Numa praia próxima à cachoeira de Von Martius, cercada por flores, os dois corpos se saciam mutuamente. Para o herói, no instante do gozo, o tempo parece em suspenso. Passado o êxtase, no entanto, Francisca e Nando voltam para o cotidiano da expedição, que nos próximos dias seriam particularmente difíceis.

Na floresta, a ausência de referências sociais de tempo ora ou outra confunde as personagens. Para o narrador, “O mais gozado é que os demais membros da Expedição não lembraram também e, portanto, não fizeram saber aos outros que o dia era 25 e que os calendários assinalavam o eclipse de lua” (Callado, 2021, p. 340). O eclipse lunar alerta o leitor para a irrupção de um acontecimento importante. A uma curta distância, a expedição avista um grupo de indígenas cren-acárores, uma etnia até então isolada. De pronto, o herói é surpreendido: os cren-acárores estão “famintos”, castigados pelo “sarampo”, uma “doença trazida pelos brancos”, “esqueléticos”, “incapazes de caça e pesca” (Callado, 2021, p. 339-355). Após o estabelecimento do contato, como a cobrar uma dívida, os cren exigem que os indígenas sejam incorporados à marcha rumo ao centro geográfico: assim é feito e a incursão segue. Entretanto, um a um, hora a hora, um cren-acárore acocora-se na mata e, com diarreia, morre. Conforme o narrador:

> À medida que se descarnavam, ressecavam, empalideciam, os índios se tornavam menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, cearás, de jecas mineiros só que nus em pelo. A fome não era mais uma ânsia e sim um atributo coletivo. Os índios andavam atrás dos brancos e os brancos só andavam porque sabiam que se parassem iam virar índios (Callado, 2021, p. 351).

Nesse trecho, a fome é um “atributo coletivo” que nivela brasileiros de diversas regiões, sejam eles indígenas ou não. A marcha da expedição também pode ser interpretada como uma marcha capitalista para o progresso, pois seu

no quadro de um ritmo de fundo que permanece constante”.

objetivo, como já dito, é permitir o pouso de aviões no centro do Brasil. Nisso, “os brancos só andavam porque sabiam que se parassem iam virar índios” (Callado, 2021, p. 351). Aqui, Callado usa a estratégia da inversão de papéis entre o “civilizado” e o “bárbaro” para criticar a modernidade republicana brasileira. No alvorecer da República, quem também inverte os papéis entre o “bárbaro” e o “civilizado” é Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Para referir-se à situação dos soldados do Exército brasileiro, por exemplo, durante o último cerco a Canudos, o narrador de *Os Sertões* afirma: “Seguia-se por ali envolto de um silêncio lúgubre. Percebiam-se os soldados esfrangalhados, imundos, sem bonés, sem fardas, cobertos de chapéus de couro e palha, calçando alpercatas velhas, vestidos com o mesmo uniforme do adversário” (Cunha, 2018, p. 752).

Nessa fase de *Quarup*, Callado coloca o “processo civilizador” em perspectiva e questiona o mito do progresso liberal. Afinal, parece inquirir o autor implícito, essa “marcha para o progresso” inclui amplas camadas sociais? No excerto, a resposta negativa de Callado é figurada pela fome, elemento capaz de homogeneizar os brasileiros. A fome que dizimou diversas etnias indígenas, diga-se, quando da imposição do projeto de integração nacional pela Ditadura Militar (Valente, 2017). Daí *Os Sertões* como intertexto. Como o livro de Euclides da Cunha, pois, *Quarup* foi igualmente escrito em um período da história do Brasil República em que o Exército era um ator político central. Por isso a ideia de Callado, em artigo de 1996, de que Canudos é “um Brasil trágico, que não acaba nunca” (Callado, 1996). Como sabemos, a barbárie é parte integrante da civilização ou, em outras palavras, o “processo civilizador” é indissociável da barbárie.

Na caminhada extenuante da expedição, a imensidão amazônica é reforçada. Sob um “céu ermo”, os cren-acárore se restituem “à terra pelos intestinos” e o centro geográfico parece recuar ainda mais (Callado, 2021, p. 351). Nesse âmbito, o narrador se aproxima do protagonista e evidencia: “Nando olhava Francisca que ia e vinha entre as barbudas sombras dos caraíbas ou entre índios esquálidos e evocava imagens de santas levadas em procissão pelos pestilentos de outras eras” (Callado, 2021, p. 351). Durante a incursão, Nando projeta amar Francisca, incondicionalmente. Isso é encarado por ele como uma verdadeira missão. Por isso, para o protagonista, ao fitar o grupo que

vagava pela mata, “só Francisca ainda transcendia e simbolizava alguma coisa” (Callado, 2021, p. 351). Essa fixação de Nando por Francisca, inclusive, chega a assustá-la: “Nando”, diz Francisca, “isto não existe e você sabe que não existe. A melhor maneira de destruir o amor que você porventura tivesse seria você se dedicar inteiramente a mim” (Callado, 2021, p. 319).

No desenlace, a expedição de *Quarup* atinge o centro geográfico do Brasil, mas o campo de pouso não é aberto. Fontoura, o indigenista, coloca o ouvido no chão para sentir a pulsão da nação, mas, em instantes, é devorado por “milhões” de “formigas enlouquecidas” (Callado, 2021, p. 360-361). Em termos metafóricos, o “panelão de saúva”, que é o Brasil, assassina o sertanista. Em rigor, Fontoura é devorado pela terra, junto com seus sonhos e aspirações. Nesse trecho, já clássico, Callado dialoga com Auguste de Saint Hilaire – para quem, “Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil” – e com Mário de Andrade – segundo o qual, “POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO” (Andrade, 2013, p. 64)[10]. Mais do que isso, o enxame de formigas, bem no coração da nação, exerce uma função irônica e nos remete à *Carta do descobrimento*, de Pero Vaz de Caminha (2000), para quem, no Brasil, “em se plantando tudo dá”.

Na sequência, após uma escala no Rio, Nando regressa a Pernambuco. Com Francisca, a partir do Método Paulo Freire, o herói trabalha na alfabetização de camponeses. Consoante o narrador, “Só muito tempo mais tarde é que Nando localizou no dia da lição do cla, cle, cli o princípio de diluição da noz de egoísmo que no seu peito era a pequena mas portentosa usina de atrair Francisca” (Callado, 2021, p. 365). Do Mato Grosso ao Recife, já com uma bagagem de experiências, Nando se torna menos egocêntrico. Francisca, porém, não tem mais um relacionamento amoroso com ele. Focada em honrar “a memória de Levindo” – o noivo morto em um protesto trabalhista –, agora ela se dedica inteiramente ao Movimento de Cultura Popular (MCP), apesar da discordância do pai, um industrial do ramo da azulejaria (Callado, 2021, p. 273). No caso do protagonista, depois das lições na escola, ele recebe os lavradores em sua casa,

[10] Com base em Saint Hilaire, Lima Barreto escreveu uma icônica passagem em **Triste fim de Policarpo Quaresma** (2010) sobre as saúvas e a agricultura brasileira. Mário de Andrade, por sua vez, inspirou-se em Paulo Prado e a ele dedicou **Macunaíma** (2013), sua obra máxima.

na praia de Boa Viagem, para repassar a matéria e orientá-los. Nessa empreitada, vez ou outra é auxiliado por padre Gonçalo, um sacerdote adepto da Teologia da Libertação.

Nando mudou. Para os camponeses, ciosos de seus direitos, ele indica a filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Pernambuco também mudou. Em torno das Ligas Camponesas, os trabalhadores rurais exigem transformações sociais e são apoiados pelo aparato policial e pelo governador – personagem inspirada em Miguel Arraes. Nando sintetiza o sentimento à época, que também era o sentimento da esquerda brasileira: “Em nenhum lugar do mundo o mundo está sendo tão rapidamente alterado e tornado melhor como aqui, neste ponto do Brasil, neste momento. E eu estou dentro do turbilhão. Sou uma faísca do raio” (Callado, 2021, p. 381). No excerto, as imagens do “turbilhão” e do “raio” pressupõe velocidade, pressa, mas também uma rara oportunidade em aberto; semelhante ao tempo *Kairós*, dos gregos, “a ocasião a ser aproveitada, o momento favorável, o instante decisivo” (Hartog, 2025, p. 34). Nando acrescenta: “E quando além disto [a revolução democrática] eu tiver Francisca vou viver ao mesmo tempo nesse turbilhão e na eternidade” (Callado, 2021, p. 381). Ora, nessa etapa da narrativa, de forma inédita, o herói entrelaça em seu projeto o individual com o coletivo.

Para Nando, o individual e o coletivo convergem para o episódio da marcha em apoio ao governador, ambientado no Recife, em 1º de abril de 1964. De forma preliminar, o narrador nos informa que alguns camponeses vinham “muito bem-postos", com “sandália japonesa”, “caneta tinteiro no bolso e rádio transistor pendurado na mão” (Callado, 2021, p. 419-420). Outros, porém, chegavam “descalços” ou de “alpercata de couro cru”, o que indica que, em Pernambuco, as reformas sociais estavam somente no início. Os camponeses entram e saem do mercado público, confundem os militares do IV Exército, caminham em zigue-zague: “[...] não traziam nada, apenas eles, mas cada vez mais deles e se faziam tantos que seu mero deslocamento já constituiria uma passeata” (Callado, 2021, p. 420). O herói instrui o grupo e observa a reação dos soldados, a mobilidade dos trabalhadores os irrita: “um pequeno mar branco e enchapelado”. Segundo o narrador, eles se deslocavam “em pontas que buscavam o caminho do palácio”, como o mar que penetra no estuário e se

ramifica em dezenas de manguezais (Callado, 2021, p. 422).

De boca em boca, chega a notícia de que, no palácio, o governador está cercado. Súbito, iniciam-se as detenções. Um tenente "nervoso, magro e atlético" dá a ordem de prisão para um camponês, que lhe responde: "Preso por quê? Já começou a ditadura?". A tréplica do militar: "Já parou a bagunça, como esta que você fazia aqui" (Callado, 2021, p. 422). O discurso direto, acompanhado por frases curtas, lapidares, incute rapidez no episódio. Em *Discurso da narrativa,* Gerárd Genette (1980) admite que "[...] o diálogo puro não pode ser retardado". Além disso, a alternância dos focos narrativos e o uso do sumário trazem dinâmica para a referida passagem. Em geral, além de garantir espaço de enunciação ao narrador heterodiegético, o sumário sintetiza informações e acelera o andamento romanesco (Genette, 1980, p. 97)[11].

Por intermédio do sumário, o narrador observa: "A sereia das viaturas do Exército já soava dos lados da Ponte Velha e até mesmo um tanque deixara a linha que formavam em torno do Palácio" (Callado, 2021, p. 421). Entre soldados e viaturas, um tanque é deslocado para reprimir a manifestação. Os trabalhadores, porém, continuam desarmados. Logo, lê-se que "o destacamento do tenente pôs um cinto verde-oliva no grupo maior dos camponeses" (Callado, 2021, p. 421). O "mar branco" é, então, "represado, arrumado como lagoa, imobilizado" (Callado, 2021, p. 422). De um lado, os milhares de lavradores relacionam-se à flexibilidade, ao movimento, a um importante moto-contínuo na ânsia por direitos sociais. De outro lado, os militares do IV Exército vinculam-se à coerção, à estaticidade, pois possuem o monopólio da força, ativado sob o pretexto do anticomunismo. Na rua, com os camponeses sentados, o tenente grita: "As ordens do coronel são de pegar todo o mundo vivo. Ele quer ouvir vocês antes. Só fuzila depois" (Callado, 2021, p. 422).

O coronel Ibiratinga desce de um carro, balança "afirmativamente a cabeça" e manda prender Nando. Ibiratinga, que se diz um "teólogo", acredita que o Brasil é um "país pequeno", sem uma "alma de ferro", porque, em suas palavras, "Nunca queimamos hereges e infiéis, nunca matamos aqueles que

[11] Para Leite (2006), "Na cena, os acontecimentos são mostrados ao leitor, diretamente, sem a mediação de um narrador que, ao contrário, no sumário, os conta e os resume; condensa-os, passando por cima dos detalhes e, às vezes, sumariando em poucas páginas um longo tempo da história".

insultam as coisas sagradas" (Callado, 2021, p. 432). Aqui, Callado usa uma alegoria para desvelar parte da ideologia da cúpula do Exército brasileiro quando da deposição forçada de João Goulart. A alegoria é um diálogo entre tempos[12]. Nesse caso, dos primeiros séculos de América Portuguesa – a hipotética brandura da Inquisição – com o Brasil de 1964 – os "hereges" do passado são, agora, nas páginas de *Quarup*, os apoiadores de Goulart, inadvertidamente taxados, pelo coronel, de "comunistas"[13]. De acordo com João Adolfo Hansen, "Se um pensamento é complicado e difícil de seguir, necessita de ser vinculado a uma imagem transparente, da qual pode derivar certa simplicidade" (Hansen, 1986, p. 11). Da relação dialógica entre duas imagens, então, uma terceira emerge. Essa, sim, mais didática: o Exército de Ibiratinga se arroga um caráter sagrado e, em função disso, para supostamente defender uma "moral superior", a violência extrema é não só justificável, mas desejável[14].

Com Nando já num camburão, de forma discreta, alguns camponeses ligam seus rádios transistores: "um ruído de interferência, forte, e uma voz saindo do barulho como um corpo saindo de escombros" (Callado, 2021, p. 424). Dos destroços de um experimento social, das ruínas do "Mundo de Levindo", a voz do governador se faz ouvir: "Deixo de renunciar ou de abandonar o mandato, porque ele está com a minha pessoa e me acompanhará enquanto durar o prazo que o povo me concedeu e enquanto me for permitido viver" (Callado, 2021, p. 424). Nesse excerto, o curioso é que Callado transcreveu, termo a termo, o discurso real de Miguel Arraes em 1964, com o Palácio do Campo das Princesas ocupado. Aos "berros", um tenente ordena: "Desliguem todos os rádios! Já!" – e os aparelhos são confiscados e desligados.

Assustado, um lavrador questiona, em voz alta: "Isto não é democracia, governo do povo?" (Callado, 2021, p. 425). Em resposta, dezenas de

[12] Conforme Massaud Moisés (2002), a palavra alegoria, de origem grega, significa "um discurso que faz entender outro, que fala de uma coisa referindo-se a outra" ou até "uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra".

[13] Sobre as reformas de base propostas por João Goulart, Luiz Alberto Moniz Bandeira (1978) afirma: "Estas reformas, evidentemente, não visavam ao socialismo. Eram reformas democrático-burguesas e tendiam a viabilizar o capitalismo brasileiro, embora sobre outros alicerces, arrancando-o do atraso e dando-lhe maior autonomia".

[14] Em texto de 1958, Golbery do Couto e Silva (1981), um dos principais teóricos da Doutrina de Segurança Nacional, coloca o Brasil como um dos guardiões da "civilização cristã do Ocidente" contra o "materialismo comunista do Oriente".

camponeses são presos. Nas viaturas, alguns deles se recordam da “Lição 74”, do método Paulo Freire, e começam a repeti-la: “ESCRAVO, ESCRAVO, ESCRAVO! DEMOCRACIA! CRISE! CRA! CRU!” (Callado, 2021, p. 425). Esses são os últimos ecos da revolução democrática em Pernambuco, ecos que Nando ainda lembraria por tempos. Na cadeia, o herói é informado de que Francisca também foi detida. Com a ajuda do pai, porém, ela conseguiu um *habeas corpus* e viajou para a Europa, em exílio. Encarcerado, Nando acompanhará a tortura perpetrada contra Manuel Tropeiro, um humilde comerciante, e contra os líderes das Ligas Camponesas. Num ato de coragem, ele interpela Ibiratinga: “Aquele seu porão, Coronel, me dá vergonha de ser brasileiro” (Callado, 2021, p. 443). Nessa altura da ação dramática, mais uma vez, o protagonista refugia-se em si mesmo: em uma espécie de autoexílio, ainda que dentro do próprio país[15].

2. RITIMO[16]

Os capítulos de *Quarup* começam *in medias res*, o que gera dúvidas iniciais no leitor quanto a tempo e espaço[17]. Eles são divididos em seções, assinaladas por um espaçamento duplo. No enredo, observam-se leves fragmentações que, na maioria das vezes, não contrariam a cronologia geral do romance. São mudanças repentinas de tema entre seções ou até dentro de uma mesma seção. Uma das raras oportunidades em que a linearidade do enredo é quebrada é no princípio do capítulo “O éter”, em que Callado usa uma extensa prolepse para adiantar a matéria narrada[18]. Nesse caso, o texto inicia com uma descrição minuciosa das imagens mentais produzidas pelo efeito do éter em

[15] Com o título **Quando a pátria viaja***,* Lígia Chiappini Moraes Leite publicou ainda em 1982 um dos primeiros ensaios sobre a produção romanesca de Antonio Callado. Para mais, ver: Leite, Lígia Chiappini Moraes. Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: Leite, Lígia Chiappini Moraes; Zilio, Carlos (orgs.). **O nacional e o popular na cultura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

[16] Em **Rhythm in the Novel***,* Edward Kiloran Brown (1952) entende o ritmo “como a combinação”, no conjunto do romance, “do repetido e do variável com o repetido como o fator dominante”. Já para Edward Morgan Forster (2025), a função do ritmo romanesco não é “estar lá o tempo todo, como um padrão, mas sim despertar em nós surpresa, frescor e esperança, por meio de suas adoráveis aparições e desaparições”.

[17] *In medias res*, textos que “principiam num momento avançado da ação principal, para depois recuarem à sua origem” (Nunes, 1995, p. 31).

[18] Prolepse, “Narração ou evocação de um acontecimento ulterior em relação ao ponto da história em que estamos” (Nunes, 1995, p. 81).

Nando e só uma subdivisão depois é que encontramos o término do episódio. Como se, nesse trecho, devido ao transe do éter, o próprio protagonista embaralhasse suas memórias.

Em termos cronológicos, o enredo se organiza em três momentos-chave, separados por elipses: 1953-1954, do princípio da trajetória de Nando até o fracasso da prelazia; 1961, época da expedição rumo ao centro geográfico do Brasil; e 1963-1964, retorno para Pernambuco, a prisão do herói e sua adesão à preparação para as ações armadas. No livro, esses momentos-chave são demarcados por acontecimentos da história política brasileira, quais sejam, respectivamente: o suicídio de Getúlio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros e a deposição forçada de João Goulart. De um momento-chave para outro, pouco sabemos, exceto que no tempo da primeira elipse Nando visitou o Rio de Janeiro e o Recife e o da segunda elipse que o protagonista e Francisca passaram algumas semanas juntos em um hotel no Rio.

Neste artigo, acompanhamos Nando em três episódios, cada um deles circunscrito a um momento-chave do romance: na zona da mata pernambucana, analisamos as diversas violências impingidas aos trabalhadores rurais; no Alto Xingu, examinamos o descaso do Estado republicano ou sua ação consciente em desfavor das populações originárias; no Recife, investigamos o golpe civil-militar de 1964. Nando, no que lhe concerne, é uma personagem esférica, complexa, que se transforma no decorrer de *Quarup*. Todavia, alguns traços de sua personalidade seguem imutáveis até o desenlace da narrativa. Dedicar-se com afinco a um projeto, por exemplo, é uma característica estável da personalidade do protagonista. Questionado sobre isso, Nando responde: “a gente sempre tenta fazer bem aquilo que faz” (Callado, 2021, p. 193).

As transformações do herói, assim, são sempre parciais, uma vez que, durante seu percurso, Nando carrega consigo traços de personalidade de suas fases anteriores. Aliás, sua entrega incondicional a um projeto é um costume adquirido por ele, quando padre, em uma época de extremo fervor. Não por acaso, uma frase que sintetiza esse dado da trajetória do herói é “Nós não esquecemos nada. Carregamos tudo conosco, através dos tempos” – sentença usada por Nando para classificar a religião como a “memória da espécie” (Callado, 2021, p. 144). Além disso, a paixão do protagonista por Francisca, que

no episódio da expedição torna-se afeição carnal, igualmente se mantém da primeira à última página do livro, com ou sem a presença de Francisca.

Panoramicamente, nesse estudo, o itinerário de Nando foi seccionado em duas partes. Primeiro, o herói experiencia o tradicionalismo brasileiro, simbolizado seja pela violência sexual cometida contra Maria do Egito, seja pela desnutrição dos indígenas cren-acrárores. Nessa etapa, como a aproximar a forma do conteúdo, Callado opta por retardar o andamento do romance. Isso sugere, ainda que de forma indireta, que, na lógica de *Quarup*, a representação artística da história brasileira de longa duração demanda um andamento romanesco lento. Um andamento condizente, pois, com o ritmo da história a ser representada. Por isso, a linguagem truncada, repleta de monólogos interiores, de barroquismos e questionamentos existenciais. Em conjunto, tais fatores influem no tempo narrativo, que parece modorrento, arrastado.

Em contraste com o princípio da segunda fase do percurso do herói, no retorno para o Nordeste, em que, por meio do discurso direto e do sumário, o texto fica ágil, com um andamento romanesco rápido. Lado a lado, essa transição indicia não só uma mudança no andamento da narrativa, mas também uma alteração rítmica da história, ao menos na visão de Antonio Callado. Em outras palavras, na economia interna de *Quarup,* a transposição da primeira para a segunda etapa da trajetória do protagonista sugere, mesmo que de maneira oblíqua, a aceleração da história – não apenas da história como enredo, mas da matéria histórica representada artisticamente. Em *Tempo de Arraes*, reportagem de 1964 que inspirou *Quarup*, Callado (2005) confidencia, em tom otimista: “Pernambuco é, neste momento, o maior laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil. É o estado mais democrático da federação”.

Em história, o ritmo associa-se à cadência dos tempos, marcados por rupturas, tensões e continuidades. Leitor do geógrafo Paul Vidal de La Blache, Fernand Braudel interpreta as estruturas como barreiras seculares, de difícil alteração, diferente dos fatos, subordinados à história eventual, mais fugazes e fortuitos. Juntos, para Braudel, os tempos de curto, médio e longo prazo, embora com pesos distintos, perfazem a experiência histórica. Conforme Braudel (2014), “Cada ‘atualidade’ reúne movimentos de origem, de ritmos diferentes: o tempo de hoje data, ao mesmo tempo, de ontem, de anteontem, de outrora”. Opinião

próxima tem Reinhart Koselleck (2014), para quem “A história decorre sempre em diferentes ritmos temporais, que se repetem ou se modificam lentamente; por isso, as experiências humanas são preservadas, mudadas ou refratadas em tempos escalonados”. David Lowenthall (1998), por sua vez, ao dialogar com Jack Hexter sobre a escrita da história, afirma: “O ritmo, as contrações e a duração de sua narrativa refletem seu conhecimento retrospectivo, pois ele [o historiador] ‘deve não apenas saber algo sobre o resultado dos acontecimentos que estuda; ele deve usar o que sabe para contar sua história’”[19].

Seja como for, o certo é que o enredo de *Quarup* é permeado por diferentes andamentos romanescos. Na primeira fase da obra, que corresponde a quase nove anos – de 1954 até 1963 –, impera um processo de ensimesmamento do protagonista, a denotar um tempo vagaroso. Já no início da segunda metade da trajetória do herói, equivalente a não mais do que dois anos – de 1963 até o golpe de 1964 –, a história torna-se fluida e Nando toma inúmeras decisões, tais como filiar camponeses ao PCB, militar no MCP etc. Para Mendilow (1972), o andamento romanesco é retardado “quando uma quantidade de coisas se sucedem mas não parecem levar a nenhum desfecho previsível”. É o caso do herói na primeira parte do livro: uma personagem que vaga por diversos espaços e tempos, mas sem um objetivo factível. Imersa em projetos tresloucados e fixações amorosas, mas sem uma “linha clara de ação” (Mendilow, 1972, p. 140).

Ao contrário do que ocorre no começo da etapa subsequente, em que Nando pretende impulsionar as reformas democráticas em Pernambuco e, ao mesmo tempo, reconquistar Francisca – para viver, com ela, em um mundo transformado. Segundo Mendilow (1972), “onde uma progressão clara leva a um clímax inevitável através da sequência fechada de causa e efeito, a atenção é dirigida para a frente e a sensação de movimento veloz é assim acentuada”. Crítico no calor da hora, Nelson Werneck Sodré (1967) afirma que *Quarup* é um “livro gordo, abundante” e sugere: “Podado, reduzido, teria resultado”. Para Sodré (1967), “A partir da quinta parte” – quando Nando volta para Pernambuco – “o romance de Antonio Callado tem grandes momentos, ganha intensidade,

[19] Para mais, ver: Hexter, Jack. The rhetoric of history. **History and theory**, Connecticut, v. 6, n. 1, p. 3-13, 1967.

chega ao nível épico". Nesses apontamentos, não por coincidência, depreende-se que o que incomoda Sodré no primeiro estágio de *Quarup* é justamente a lentidão narrativa.

Como já visto, a trama de *Quarup* foi arquitetada como uma jornada de deseducação ou desalienação. Assim, num percurso linear e cumulativo, Nando se transforma, se afasta da elite intelectual para aproximar-se do povo (Gullar, 1967). Entretanto, em rigor, o percurso de Nando não deixa de ser evolutivo, ou seja, um périplo baseado no aperfeiçoamento do herói. Sem dúvida, apesar de criticar a modernidade capitalista burguesa, em *Quarup* Callado trabalha com um modelo de tempo orientado para o futuro e pelo futuro[20]. Desse modo, a trajetória de Nando ao menos flerta com o *Bildungsroman*[21]. Por certo, nos séculos XIX e XX, o constructo do percurso linear teleológico foi essencial não só para o funcionamento do liberalismo, como também do socialismo científico. Vislumbrar o progresso no itinerário de Nando, portanto, é interpretar *Quarup* em sua historicidade.

Porque o autor implícito de *Quarup* parece ser contrário à ideologia do progresso capitalista, mas favorável ao progresso socialista, segundo o qual as mudanças sociais devem ser priorizadas em detrimento do crescimento econômico. Ao analisar, retrospectivamente, o seu percurso, Nando pontua: "Antes tinha sido a sábia e conveniente cisterna milenar dos conselhos dados a Nequinho ou Maria do Egito. [...] Depois tinha vindo a fala do progresso, da esperança no mundo" (Callado, 2021, p. 502). Nesse excerto, a "fala do progresso", mesmo que subsidiária do socialismo, advém do protagonista ou do autor implícito? Impossível saber, pois essas instâncias se misturam em *Quarup*. De qualquer forma, dito apenas de passagem, só em *Reflexos do Baile*, ficção publicada em 1976, Callado abandonaria o modelo linear de tempo e a ideologia do progresso. Para compor *Reflexos*, ele irá se basear somente no tempo fragmentário – ficcional e histórico.

Já no enredo de *Quarup*, após ser solto, Nando recebe uma carta de

[20] Sobre o positivismo na formação intelectual de Callado, ver: Thomaz, Daniel Mandur. **Transatlantic Radio Dramas**: Antonio Callado and the BBC Latin American Service during and after World War II. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023.

[21] Para Wilma Patricia Maas (2000), o *Bildungsroman* centra-se no "aperfeiçoamento do indivíduo em direção à harmonia e ao conhecimento de si e do mundo". Entre os trabalhos que interpretam **Quarup** como um *Bildungsroman,* ver: Ávila (1997), Chagas (2017) e Sá (1988).

Francisca, que diz: “[...] é mesmo preciso adiar o Brasil, Nando. Ficar aí é adiar a vida da gente [...]. Eles estão facilitando o asilamento e fuga de todos os que estiveram presos. Foge para mim, Nando, eu sei que para você eu valho uma pátria, não valho?” (Callado, 2021, p. 455). “Adiar o Brasil” pressupõe não a desistência da revolução, mas a retomada da militância em outro momento, com condições favoráveis. Essas palavras igualmente sintetizam a trajetória do protagonista até então, repleta de adiamentos e prorrogações, centrada no vir a ser. No romance, em termos figurativos, o percurso de Nando também pode ser associado à história do próprio Brasil, um país do vir a ser. Em entrevista, dias antes de morrer, Callado lamenta (1997): “Na minha vida, eu diria, o Brasil tem sido uma série de falsas expectativas. Tenho tido uma série de decepções. Em *Quarup*, em particular, sensibilizado com a carta de Francisca, Nando tenta viajar para a Europa, mas seu passaporte é negado.

Segue-se que, em Boa Viagem, o herói funda uma “academia de ciências amorosas” para, segundo ele, ensinar “as pessoas a amarem” (Callado, 2021, p. 487). Em parte, o capítulo “A praia” simboliza a desorientação da esquerda brasileira diante do golpe que destituiu João Goulart. Inspirado na liberação dos costumes, fenômeno da década de 1960, entre jangadeiros e prostitutas, esse capítulo narra a busca de Nando por prazer e sua obstinação em proporcionar prazer ao outro. Cedo, ele irrita os militares, mas também seus antigos companheiros de revolução, que não compreendem suas “frivolidades”. Esses companheiros não enxergam que ao fundar uma “academia de ciências amorosas”, naquela conjuntura, Nando também se posiciona politicamente. Dessa vez, porém, contra “a moral e os bons costumes”, hipotéticos valores propagandeados pelos ideólogos da Ditadura Militar[22].

Visado pelo Exército e censurado pelos companheiros, Nando decide oferecer um jantar em honra da memória de Levindo, morto por pistoleiros há dez anos. No enredo, o jantar tem duplo significado. Por um lado, ele representa o poder do colaboracionismo popular, pois, convidados para a ocasião, dezenas de jangadeiros, tropeiros, prostitutas e cozinheiras se unem para promover a

[22] No texto **Em defesa da moral e dos bons costumes**, Alfredo Buzaid (1970), então ministro da justiça do ditador Médici, afirma: “No Brasil, o Estado intervém no domínio da moral pública em nome dos princípios cristãos, reprovando o ultraje ao decoro, a dissolução da família e o desfibramento da juventude”.

festa. Por outro, o jantar anuncia o fim de um ciclo de luto e a posterior revigoração da vida, como na cerimônia do *Kuarup*, dos Kamayurá xinguanos. Antes da celebração, o herói é informado de que o governo consentiu sua ida para o exterior. Resoluto, ele responde: “Aceito sair do país, claro. Mas *jantado* [...]. Só saio daqui jantado (Callado, 2021, p. 517 – grifo do autor). A partir disso, o jantar também pode ser lido como uma despedida, ainda que temporária, do protagonista do Brasil. Não por acaso, durante a festa, seu discurso é extremamente desalentador quanto ao ser brasileiro. Em tom que lembra o de Paulo Prado, Nando afirma: “Brasilidade é o encontro marcado com o câncer. Brasilidade é a espera paciente da tuberculose. Brasilidade é morrer na cama” (Callado, 2021, p. 525).

Depois do jantar, dois fatos contingentes mudam a resolução de Nando e impedem seu exílio na Europa. Na prática, a contingência é essencial para o desfecho de *Quarup*. Em *O tempo no romance*, Jean Pouillon (1974) ressalta: “Para uma compreensão verdadeira, tudo é revelador, este *leitmotiv* implícito na obra dos maiores romancistas prova ser inútil desqualificar a contingência”. Primeiro, na saída da festa, o herói é covardemente espancado por um sargento do Exército e passa por uma experiência de quase morte. Em segundo lugar, superada a convalescência, com Manuel Tropeiro, ele assassina um militar que, em uma emboscada, vigiava sua casa. Nas palavras do narrador, “Nando enterrou até os cabos o punhal de Campina Grande nas costas do soldado Quirino” e, ao ver o corpo no chão, ele “Não sentiu remorso nenhum” (Callado, 2021, p. 566-567). Enfim, batizado pela violência, o protagonista adere, em Goiás, à preparação para as ações armadas.

Passados mais de dez anos, Nando está fisicamente irreconhecível. Agora, não só pelo envelhecimento, mas também devido à brutalidade da repressão. Com o espancamento, ele perdeu a visão de um olho e sua marcha ficou claudicante. É esse homem, recém-convertido às guerrilhas, que justifica seu ato derradeiro em função de seu amor por Francisca, “o carreiro de estrelas entre mundos” – a mulher que o guia da completa alienação ao engajamento extremo. Na última página do livro, lê-se “Só tinha como sensação de continuidade o fio de ouro de Francisca, assim mesmo porque era um fio fiado com astúcia na trama do mundo a vir” (Callado, 2021, p. 568). Para o herói, o

"mundo a vir" é inseparável do verdadeiro amor ou, em outras palavras, "Francisca é só o centro de Francisca" (Callado, 2021, p. 568). Em *Quarup*, portanto, o amor de Nando por Francisca parece ser uma espécie de *arché*, um princípio unificador. De modo abrupto, então, a ação romanesca é interrompida e o desfecho fica em aberto, evidenciando a incerteza sobre o desenlace da trajetória do protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra tessitura é polissêmica. Segundo o dicionário *Houaiss*, significa tanto "as notas mais frequentes numa peça musical" quanto a "composição, a textura" do tecido (Houaiss, 2009). De origem italiana, o vocábulo deriva do latim *tessere* que, conforme o dicionário *Sabatini Coletti,* quer dizer "entrelaçar diferentes elementos" ou "estruturar algo de acordo com um plano, distribuindo várias partes de forma equilibrada" (Sabatini; Coletti, 2006). Neste trabalho, usamos o termo para expressar o arranjo do tempo no tecido narrativo. Entretanto, em um segundo nível, também o empregamos para indicar possíveis interações – sempre oblíquas e indiretas – entre o tempo ficcional e o tempo histórico[23].

Num primeiro plano, de modo artesanal, Callado compõem o tecido narrativo de *Quarup* por meio de recursos de manejo do tempo, como a anacronia, o "movimento de pedal", a alegoria, o início *in medias res*, a prolepse e as leves fragmentações. No conjunto, tais recursos nunca são aleatórios. No romance, a anacronia indicia o continuísmo temporal, a perpetuação das estruturas. Também por isso a frenagem, o lento "movimento de pedal" a denotar fenômenos históricos que, por inércia, agem no sentido contrário ao do percurso evolutivo do protagonista (Eco, 1985). A alegoria, por sua vez, é um diálogo entre tempos, um cotejamento entre imagens presentes e passadas. O começo *in medias res* aumenta a dramaticidade do texto e desperta, no leitor, a curiosidade. As prolepses e as leves fragmentações, enfim, ao emularem a lógica da memória, embaralham a sucessão cronológica.

[23] Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019), "a atividade historiadora tem maior proximidade com a paciente e meticulosa atividade manual exercida por tecelões, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, chuliadeiras" e "narrar é a arte que permite a tecelagem do passado, [...] que permite dar forma aos tempos".

Em *Quarup*, esses recursos de manejo do tempo são como pequenos pontos, individualmente, quase invisíveis, mas que, juntos, entrelaçados, perfazem a cosedura do texto. Em um segundo plano, como já visto, a arquitetura do enredo sugere, na transição da primeira para a segunda fase do itinerário do herói, a aceleração da história, a polirritmia temporal. Entretanto, pensemos além, porque, para o historiador interessado, *Quarup* suscita ainda mais. Segundo Ivan Jablonka (2020), para escrever a história, o historiador precisa usar "ficções de método", isto é, "ficções mais ou menos captadas pelo raciocínio histórico, mais ou menos empregadas para buscar o que é verdadeiro". Daí a relevância suplementar de *Quarup*, além de ficcionalizar, em suas nuances rítmico-temporais, um importante período para a compreensão do Brasil contemporâneo.

Nesse livro, forma e conteúdo convergem na tessitura do enredo, e isso não é pouco. É preterir a suposta neutralidade do texto, como um simples *medium* fabular, para valorizar os recursos narrativos de manejo do tempo, em consonância com os matizes da história a ser representada. Para Jablonka (2020), "Mais do que estabelecer cronologias, o historiador escreve o tempo. Melhor ainda: ele difunde temporalidade em um texto". Nesse sentido, caso julgue conveniente, em seu texto, o historiador pode igualmente usar "anacronismos controlados", "movimentos de pedal", alegorias, inícios *in medias res*, prolepses e leves fragmentações, a depender das exigências da matéria narrada, tal qual é feito por Callado em *Quarup* (Jablonka, 2020). Sobre o trabalho do historiador, em específico, Jablonka (2020) arremata: "O tempo, que constitui nossa matéria, merece um cuidado especial. Inícios *in medias res,* [...] anúncio, vai e vem, variação de ritmo, aceleração, desaceleração, nervosidade de ritmo: [...] tudo é possível de acordo com a necessidade da demonstração".

Afinal, quase sessenta anos depois, talvez devêssemos procurar a perenidade de *Quarup* não só no conteúdo, mas também no caráter exemplar do romance em suas diferentes formas de narrar o tempo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos**

ensaios de teoria da História. São Paulo: Editora Intermeios, 2019.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ANHEIM, Étienne; LILTI, Antoine. Savoirs de la littérature [Introduction]. **Annales,Histoire, Sciences Sociales**, Paris, n. 2, mar.-abr., p. 253-260, 2010.

ÁVILA, Henrique Manuel. **Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileiro dos anos sessenta.** Londrina: Editora UEL, 1997.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O governo João Goulart**: as lutas sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2010.

BEVERNAGE, Berber. "A passeidade do Passado": Reflexões sobre a política da historicização e a crise da passeidade historicista. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 21–39, 2021.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história.** Tradução Jaime Guinsburg e Tereza Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BROWN, Edward Kiloran. **Rhythm in the Novel.** Toronto: University of Toronto Press, 1952.

BUZAID, Alfredo. **Em defesa da moral e dos bons costumes.** Brasília: Imprensa Nacional, 1970.

CALLADO, Ana Arruda. **Antonio Callado: fotobiografia.** Recife: Cepe, 2013.

CALLADO, Antonio. **Antonio Callado, repórter.** Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CALLADO, Antonio. Entrevista. **Folha de São Paulo.** São Paulo, jan. 1997.

CALLADO, Antonio. Há um século o Brasil afunda com Canudos. São Paulo, **Folha de São Paulo**, abril. 1996.

CALLADO, Antonio. **Os industriais da seca e os" Galileus" de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

CALLADO, Antonio. **Quarup.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

CALLADO, Antonio. **Reflexos do Baile.** Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008.

CAMINHA, Pero Vaz. **O achamento do Brasil.** Ilhéus: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2000.

CHAGAS, Pedro Ramos Dolabela. Interpretação nacional e forma literária em Quarup, de Antonio Callado. **Sóciopoética**, Campina Grande, p. 4-30, jan./jun. 2017.

CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL. **Processo de Antonio Carlos Callado.** Rio de Janeiro, 1969. Disponível em: http://pesquisa.memoriasreveladas.gov.br. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos.** 5ª Ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2018.

DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Tradução Else Ribeiro Pires de Freitas. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

ECO, Umberto. **Post-scriptum ao romance da rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. (Des) memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964. Brasília, **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 43, 2014.

FOSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance.** Tradução Sérgio Alcides. São Paulo: Editora Globo, 2005.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo de Otto Maria Carpeux. **A lição de Canudos, sempre atual.** Rio de Janeiro, 1997.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** Lisboa: Editora Assírio Bacelar, 1980.

GONÇALVES, Bruno. **Os sentidos do anacronismo. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 285–314, 2022.

GULLAR, Ferreira. **Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, p. 251-259, set. 1967.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora.** São Paulo: Atual, 1986.

HARTOG, François. **Chronos: o Ocidente confrontado ao tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.

HEXTER, Jack. The rhetoric of history. **History and theory**, Connecticut, v. 6, n. 1, p. 3-13, 1967.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** São Paulo: TA Queiroz; Publifolha, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais.** Tradução Verónica Galíndez. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história.** Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Puc-Rio, 2014.

KUSHNIR, Beatriz (org). **Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes; ZILIO, Carlos. (Org.). **O nacional e o popular na cultura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução: Lúcia Haddad. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História.** v. 1, n. 17. São Paulo, 2012.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**: o *Bildungsroman* na história da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MELLO, Barboza. Os oito intelectuais e a liberdade. **Jornal Leitura.** Rio de Janeiro, out. 1965.

MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance.** Tradução Flávio Wolf. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, Rio de Janeiro. **Quarup, romance, 1975.** Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **Coração Civil: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985).** São Paulo: Editora Intermeios, 2017.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

PINTO, Júlio Pimentel. **Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

POUILLON, Jean. **O tempo no romance.** Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SÁ, Lúcia. An Epic of the Brazilian Revolution: Callado's Quarup. **Portuguese Studies**, Cambridge, p. 195-204, jul./dez. 1998.

SABATINI, Francesco; COLETTI, Vittorio. **Dizionario italiano Sabatini Coletti.** Milão: Editora Hoepli, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SILVA, Golbery do Couto e. **Conjuntura política nacional: o poder executivo e Geopolítica do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. O momento literário. **Revista Civilização Brasileira**, v. 15, Rio de Janeiro, p. 213-228, set. 1967.

THOMAZ, Daniel Mandur. **Transatlantic Radio Dramas: Antonio Callado and the BBC Latin American Service during and after World War II.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023.

VALENTE, Rubens. **Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na Ditadura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Recebido em 28/03/2026.

Aprovado para publicação em 17/09/2026.